

5

Conclusão

Repetição e Criação

Criar é tão difícil ou tão fácil como viver.
E é do mesmo modo necessário.³⁰⁹

Fayga Ostrower

O trabalho da perda empreendido no processo analítico incita à criação. O abandono de antigas vias de satisfação pulsional exige a invenção de novos caminhos para o investimento da energia. Assim revira-se a pulsão de morte em vida. A criação observada na análise não corresponde, necessariamente, à produção de obra artística singular ou à invenção de nova teoria ou religião. Diz respeito à construção de modo de viver mais soberano, não mais determinado por modelos cristalizados pela coletividade. O indivíduo sente-se forte o bastante para afirmar sua heterogeneidade. Sua particular perdição, como proponho.

É possível que o processo de análise contribua para o nascimento de poetas e cientistas originais. Contudo, talvez seja mais frequente a formação de derivações do *professor Pardal*, o divertido personagem das histórias em quadrinhos. Suas invenções não mudam o mundo coletivo de forma ampla e contundente, mas alteram o próprio cotidiano e o das pessoas próximas a ele. Dão mais graça à existência. Com a análise, vive-se com mais leveza, tal como um dançarino, para lembrar a imagem proposta por Nietzsche.

Leveza, aqui, não corresponde à ausência de dor ou de qualquer expressão do afeto. Isso seria impossível! Significaria negar nossa condição de castrados e o caráter trágico da existência. No entanto, despidos dos ideais, podemos olhar a vida com mais serenidade e humor. Lacan alude à proximidade entre o trágico e o

³⁰⁹ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*, p.9.

cômico.³¹⁰ Observa que na comédia os personagens sempre se saem mal na realização de seus desejos. O riso surge diante da constatação do malogro, da inadequação da relação do homem com os objetos. E o herói cômico insiste, passa a perna no destino, pois sempre consegue sair ileso. Não é seu sucesso, mas o modo como ele lida com o próprio fracasso que nos cativa. Apreciamos a habilidade do herói cômico de extrair satisfação diante da castração. O neurótico prefere o drama, ou melhor, o melodrama. Aborrece-se continuamente com a narração de sua novela cotidiana, em que assume o papel de eterna vítima.

Despido da fantasia imaginária, o herói enfrenta o real, vestindo-o com a roupa que lhe parece oportuna. O neurótico conserva sempre a mesma armadura, pois acredita que com ela mantém-se abrigado do real. O herói e o neurótico expressam maneiras distintas de responder à insistência contínua, repetitiva, da tendência para a morte.

No primeiro caso, o “modelo heróico”, o indivíduo sente-se obrigado a dar forma aos desconhecidos estímulos que lhe acozzam. Eles levaram seu sistema a experimentar certo grau de entropia. A desorganização diminui quando o sistema acolhe aquela ignorada causa de perturbação, integrando-a ao organismo. Assim, o estranho transmuta-se em particular. A pulsão transformou-se em vida renovada. O sistema não morreu, complexificou-se. Tornou-se mais forte para lidar com outros imprevistos, pois a rede na qual se sustenta se ampliou. O indivíduo que assim reage organiza-se em uma ordem que tem grande grau de plasticidade. Isso lhe permite inventar respostas inusitadas diante do inesperado, ao qual não precisa temer.

No segundo caso, o “modelo neurótico”, a pessoa repele aquilo que ignora. Recusa o diferente, que lhe provoca horror e desestabiliza seu sistema. Em busca de preservar sua organização, afasta-se dos estímulos perturbadores. O neurótico se acha protegido em sua couraça. Mas essa estratégia de recusa torna seu sistema mais vulnerável, pois não há meios de conter o real.

O neurótico teme o inconsciente. Não desliza pela rede de significantes em que está imerso. Afasta as representações dos afetos em desacordo com sua organização, que irrompem em seu psiquismo. Não joga com eles, com medo de se perder. Recalca. E mesmo quando toma certos objetos para sua satisfação, não

³¹⁰ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.376.

se entrega a eles. Ou simplesmente não ousa lidar com os objetos de maneira incomum. Repete, automaticamente, o modelo. Não se arrisca. Afinal, tem que manter imagem de coerência, que lhe garante algum poder.

Dessa maneira, o neurótico não cria, mas coleciona conhecimento.³¹¹ Vive aprisionado no gozo mortífero promovido pelo Outro, que em sua faceta superegóica condena à repetição e paralisa a invenção. O Outro oferece um tesouro de significantes a serem articulados. Ao lidarmos com ele de maneira mais livre, despertamos inusitadas formas. Todavia, essa maior liberdade provoca insegurança. E demanda trabalho dobrado. O neurótico prefere sustentar sua estabilidade na segurança. Suas produções não cativam. São corretas, seguem o padrão. No entanto, carregam certo ar de monotonia. O discurso do neurótico reproduz significados, que não traduz *sentidos*, mantém-se distante do vivido. Nos mais variados campos, percebe-se a diferença entre aqueles que cumprem com correção seu dever e aqueles outros que, mesmo imperfeitos, afetam de modo particular. Mas imperfeito é tudo....Mesmo a brisa, ao cair da tarde, poderia ser mais fresquinha...

A vida saudável é, necessariamente, criativa. Esta parece ser uma das verdades anunciadas pela psicanálise. Na aventura da análise, opera-se contínua destruição criadora. Inspirada em Nietzsche, afirmei: só enquanto criadores podemos destruir. Caso contrário, a pulsão morre de vez, destrói o Eu. Não há fim no processo de bem-dizer o inconsciente. A análise é interminável. Ou, como Nietzsche propôs, a saúde não corresponde a um estado permanente. Ela diz respeito a processo dinâmico de superação sobre impulsos reativos à vida. A cada instante somos atravessados pelo inconsciente, com seus mandos e desmandos. A análise educa a percebê-lo, ensina a trabalhar sobre as vozes mudas que nos acoçam do Outro mundo.

Há pessoas que, por alguma misteriosa razão, se engajam no próprio processo interminável de análise, não passam pelo consultório de um analista. Alguns talvez tenham se encantado de modo tão intenso por algo que os fez se desprender dos mandamentos da coletividade. E dedicaram-se a afirmar a própria ficção. Outros podem ter se deparado de modo contundente com o descompasso entre os ideais e o real. O acaso lhes fez encontrar a verdade da condição humana.

³¹¹ MOLINA, Rubens. **A mestria da angústia.** <http://rubensmolina.sites.uol.com.br/home.html>

Experimentaram o *nilismo de vida*, como demonstra a história de Édipo. Essas pessoas colocaram-se, então, a inventar novos sentidos.

Freud simplesmente criou método terapêutico para conduzir a esse lugar de descrença radical, de arreligião. E, mesmo assim, mostrou-se cético, no fim da vida, quanto à capacidade de alterar a dinâmica psíquica de outra pessoa. Freud constatou ser mais frequente uma transformação parcial da organização psíquica do que uma alteração radical no agenciamento do inconsciente. Falta profundidade na convicção do paciente, diz. Ele percebeu isso em seus próprios discípulos.³¹²

Em outras palavras, a grande maioria não *põe fé* na descoberta essencial da análise: somos seres em falta, castrados. Ao longo do trabalho terapêutico, superam-se várias inibições, suspendem-se inúmeros recalques. Constrói-se, assim, certo bem-estar. Pela análise, a pessoa garante algum lugar de poder, ao qual não quer abdicar. Com isso, talvez tenha conseguido o que desejava da análise. Mas tal quadro não caracteriza o *desejo do analista*. Nem para Freud nem para Lacan. O analista vive alteração mais profunda na sua economia libidinal. Não fica encantado com o próprio Eu, reconhece-o como unidade ilusória. Permanece atento ao Isso. Talvez a sua maior saúde seja o reconhecimento da sua doença. Coloca-se sempre em suspeição, destrona o Eu. Ao admitir seu lugar de ignorância, capacita-se a ouvir, e a produzir, qualquer discurso. Por isso, engaja-se na sua *perdição criadora*, na composição da própria música.

A psicanálise originou-se como uma *talking cure*, tratamento pelo qual o paciente utiliza a palavra para trazer à consciência as fantasias que o organizam. Dessa maneira, pode promover rearranjos em sua trama. No entanto, o trabalho da análise não se restringe à fala. Demanda o *ato*, transformador efetivo do indivíduo e do social. O neurótico prefere ficar na mera articulação de suas representações desejosas. A cura, no entanto, exige algo mais. O indivíduo saudável impõe seu desejo no mundo, alterando o ambiente ao seu redor. A análise inclui, assim, tanto uma dimensão estética, criadora, como ética. E também política. Afinal, a afirmação da própria fantasia na realidade exige a administração do conflito de forças, presente tanto interna como externamente.

³¹² FREUD, S. *Análise terminável e interminável*, p.245.

O processo de análise começa pela atuação do paciente, mas o leva à produção do ato. Ambos expressam maneiras distintas de responder à pressão constante da pulsão. Na atuação, a pessoa mantém-se hipnotizada por fantasias imaginárias. Repete o mesmo. Projeta para o aqui/agora modos de relação com os objetos construídos na infância. O ato tem a característica de instaurar novas possibilidades de expressão da pulsão. Engajada nesse processo, a pessoa repete também, mas comprometida com a afirmação da própria diferença.